NEARCO: Revista Eletrônica de Antiguidade
2022, Volume XIV, Número I – ISSN 1982-8713
Núcleo de Estudos da Antiguidade - NEA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
ISSN 1982-8713

Viriato e as Guerras Lusitanas: a construção de uma heroicidade

Viriato and the Lusitanian Wars: the construction of heroism

Ricardo Luiz de Souza[1]

[1] Historiador da Prefeitura Municipal de Andradas/MG. Mestre em História Ibérica (PPGHI- Unifal/MG). Orientador: Cláudio Umpierre Carlan. Pesquisa: Entre armas e *razzias*: um estudo sobre a cultura guerreira dos antigos Lusitanos. E-mail: ricardo.souza@sou.unifal-mg.edu.br.

DOI: 10.12957/nearco.2022.62145

Resumo

Desde a Antiguidade, a Península Ibérica sempre foi uma área muito almejada. Assim, gregos, cartagineses e, por último, os romanos, buscaram o seu controle ao longo da História. Após a derrota de Cartago, boa parte da Antiga Península Ibérica*, ficou sob* o comando de Roma, sendo posteriormente organizado em duas províncias: *Hispania Citerior* **e** *Ulterior***.** *A chegada das legiões romanas, alteraria profundamente o cotidiano dos mais variados povos peninsulares, levando muitos a pegar em armas contra o invasor, em guerras travadas sob o ritmo da prática de emboscadas e guerrilhas. Nesse ínterim, destacam-se as chamadas Guerras Lusitanas (155-139 a.C.), conflito violento e decisivo, que nos trouxe a figura do chefe militar que infligiu pesadas derrotas aos exércitos romanos: Viriato, personagem que ainda nos dias de hoje traz uma certa heroicidade em sua figura.*

Palavras-chave: Guerra, Lusitânia, Antiga Península Ibérica, Roma, Viriato.

Abstract

Since antiquity, the Iberian Peninsula has always been a highly desired area. Thus, Greeks, Carthaginians, and the Romans, sought their control throughout history. After the defeat of Carthage, much of the Ancient Iberian Peninsula, came under the command of Rome, being subsequently organized into two provinces: Hispania *Citerior* and *Ulterior*. The arrival of the Roman legions would profoundly alter the daily life of the most varied peninsular people, leading many to take up arms against the invader, in wars fought under the rhythm of the practice of ambushes and guerrillas. In the meantime, the so-called Lusitanian Wars (155-139 BC) stand out, a violent and decisive conflict, which brought us the figure of the military leader who inflicted heavy defeats

on the Roman armies: Viriato, character that even today brings a certain heroicity to his figure.

Keywords: War, Lusitania, The Ancient Iberian Peninsula, Rome, Viriato.

Introdução

A Península Ibérica sempre foi uma área muito cobiçada durante todo o período da Antiguidade, pois contava com minas de prata, ouro, cobre e estanho. Além desses importantes recursos minerais, seu território possuía um solo rico para o bom desenvolvimento agrícola de diversas culturas agrícolas, pois boa parte eram adjacentes à extensa hidrografia da península possuía boa produtividade para diversos produtos econômicos, uva, a oliveira e o trigo, além de planícies para a atividade pecuária em geral.

Sendo assim, muitos povos buscaram o seu controle ao longo da História, tais como os gregos, os cartagineses e, por último, os romanos. Após a expulsão dos cartagineses, a região foi renomeada como *Hispania*, sendo posteriormente dividida em duas províncias pelos romanos no ano de 197 a. C: *Citerior* e *Ulterior* (BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, 2011, p. 100).

Convém esclarecer que a Lusitânia só adquire uma existência definida territorialmente com o lançamento da organização administrativa romana. Geralmente, aceita-se que essa definição tenha sido criada oficialmente em 27 a.C. por Augusto, embora, do ponto de vista prático, já pudesse ser operante em épocas anteriores. Na Antiga Lusitânia, habitavam os Lusitanos, os Turdetanos, os Célticos, os Túrdulos, os Vetões, os Barbáries, os Pesuros e os Túrdulos Velhos. Dessa forma é difícil associar com exatidão as fronteiras da antiga Lusitânia, além dos limites de ocupação de cada povo na região.

No que tange à conquista e ao desenvolvimento dos trabalhos em História Militar, os historiadores têm desenvolvido inúmeras pesquisas que aliam o uso de

diversas formas de investigação, tais como o uso de fontes escritas, as imagens produzidas pelos povos vencidos e vencedores e o uso da cultura material fornecida pela Arqueologia (FUNARI, 1995, p.25). Assim, a partir dessas novas abordagens realizadas após a emergência da *École dos Annales,* e, consequentemente, a partir da Nova História, a História Militar passou a se interessar não só pelos feitos grandes governantes, generais e das grandes batalhas e estratagemas, mas também pelos aspectos culturais, sociais e econômicos das guerras. Nesse sentido, este estudo pretende explorar parte dos meandros envolvidos entre o conflito entre lusitanos e romanos no século II a.C.

Como as tropas lusitanas possuíam menores recursos materiais e humanos, suas táticas se reduziam a curtos combates de infantaria ligeira, com uso intenso de seus ágeis cavaleiros, evitando, assim, o enfrentamento em campo aberto e grandes batalhas. Assim sendo, predominaram as *razzias* [54] , táticas de guerrilhas milimetricamente orquestradas, além dos assaltos por surpresa à noite. Tal estratégia estabelecida nesses conflitos foi muito onerosa em perdas para Roma, que ao final provou sua superioridade militar. Investigar essas características de combate do povo lusitano é também um mergulho no presente, pois devido às proporções e à tipologia das armas de época para época, verifica-se ao longo de toda a história militar humana tais táticas foram usadas com maior ou menor êxito. Sem embargo, é importante ressaltar que as táticas de guerrilha ainda são utilizadas quando um corpo belicoso enfrenta outro com mais poderio bélico e humano.

[54]As *razzias* podem ser descritas como o ajuntamento de bandos de guerreiros, com incursões rápidas e na surdina, com as quais se pretendem golpear o inimigo pegando-o desprevenido. Assim, o objetivo principal era levar a maior quantidade possível de butim, aproveitando-se do fator surpresa. A tática da *razzia* e a emboscada são as formas de combate mais comuns entre as utilizadas no contexto das Guerras Lusitanas. Trata-se de um tipo de combate que se desenvolveu entre povos da antiga *Hispania*, além de ter sido aplicado pelos galos e germanos (GONZÁLES GARCIA, 2007, p. 43). Utilizaremos a grafia *razzia* neste artigo.

Estudar os embates militares realizados na forma de guerrilhas entre os povos lusitanos com a República romana torna-se um grande desafio, pois há poucos historiadores dispostos a percorrer tais liames. As pesquisas militares desse período situam-se no entendimento dos estudos do final do século XIX e início do século XX, pois a grande maioria das pesquisas era de caráter geral e os historiadores apresentavam algumas informações sobre o tema, sem muitos detalhes. Isso ocorria porque grande parte das investigações tinha como objetivo organizar grandes panoramas ligados à História de Roma, com o estudo de generais, cônsules, pretores, senadores de prestígio e grandes batalhas.

Nesse sentido, geralmente as narrativas sobre os romanos se iniciavam com a fundação de Roma e se estendiam até o declínio do Império; nesse ínterim, a história de uma diversidade de povos conquistados por Roma, assim como às suas etnias e culturas sempre fora retratada no período da República e do Império como se houvesse um padrão cultural homogêneo, ou ainda, que se esses povos não seguissem tal padrão civilizatório imposto pelos romanos seriam automaticamente concebidos como selvagens, bárbaros e que deveriam ser conquistados para serem "civilizados"

Somente a partir da ideia do conceito de "História vista de baixo", que tem seu nascimento a partir da segunda metade do século XX, é que acaba se notando algumas mudanças neste panorama. Nesse período, surgiriam muitos trabalhos que analisariam os povos "vencidos por Roma" sob outra ótica (FUNARI, 1995, p. 25). Por causa da dificuldade de encontrar relatos sobre o cotidiano dessas sociedades, surgiram estudos variados que recorriam ao uso de novos marcos teórico-conceituais e a de os mais diferentes tipos de fontes, como a literatura, lápides funerárias, armas, objetos de uso cotidiano, entre outros. Dessa forma, com o surgimento de novas formas de investigação acerca da análise dos aspectos culturais, sociais e da sociedade dos povos da antiga *Hispania*, começaram a surgir novas investigações que pretendiam preencher as lacunas da historiografia da Antiga Península Ibérica.

Os objetivos deste trabalho são modestos, já que não procura adentrar-se em todos os meandros, fatos e características das Guerras Lusitanas, mas, objetiva, *a priori*, demonstrar algumas particularidades desse longo e desgastante conflito, que opôs lusitanos e romanos no século II a.C. Para isso, utilizaremos os escritos de Diodoro de Sículo, Apiano, Estrabão, entre outros, pois tais autores são importantes fontes literárias para o estudo do recorte histórico-temporal elencado no presente artigo. Não obstante, também lançamos mão de uma extensa e criteriosa bibliografia já produzida sobre a temática. Por fim, faremos uma análise sobre construção da figura de Viriato – o principal chefe militar dos lusitanos- e à sua construção histórica ao longo do tempo.

O processo de conquista romana da Península Ibérica

A expansão romana sobre a Península Ibérica correspondeu aos imperativos da II Guerra Púnica. Tal guerra transformou a península num palco de extensos conflitos, envolvendo de um lado, a crescente República romana e, de outro, a rica Cidade-Estado de Cartago, grandes potências que buscavam a hegemonia sobre o mediterrâneo (BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, 1975, p. 125).

Outrossim, é necessário inferir que o Senado romano começou a perceber a real "necessidade de cortar o suprimento logístico dos cartagineses, que a essa altura ameaçavam chegar à própria Roma. Para isso, o corpo senatorial romano determinou o desembarque das forças romanas em Ampúrias (218 a.C.), litoral norte mediterrâneo da península" (SILVEIRA, 2001, p.19). Em consequência da derrota de Cartago na Segunda Guerra Púnica (218 - 210 a.C.), parte do território da Península Ibérica que depois ficou conhecido como *Hispania,* ficou sob o comando de Roma. Em 197 a.C., Roma dividiu o território submetido, que foi organizado em duas províncias: *Hispania Citerior* e *Ulterior*

Ao longo do século II a. C, a expansão romana se desenvolveu para os outros territórios da *Hispania.* Assim, um breve período de calma foi estabelecido, no qual os

romanos fundaram cidades e ampliaram a exploração de terras e de minas de ouro, prata, estanho e minério de ferro. É preciso lembrar que o processo de conquista da Península Ibérica está longe de ser unidirecional e contínuo, por quais as sucessivas comunidades locais são derrotadas e integradas ao sistema romano de administração (SÁNCHEZ MORENO; AGUILERA DÚRAN, 2013, p. 225). Não obstante, o sentido da conquista romana não parece a realidade – ou toda a realidade - subjacente a interação que define as relações entre os romanos e os hispanos no período que vai de Aníbal ao Imperador Augusto. No entanto, a presença romana iria degringolar em uma miríade de conflitos com outros povos que não queriam modificar seus estilos de vida ou não se submeter aos comandos de Roma. Os lusitanos foram um destes[55].

A Lusitânia

A Lusitânia era uma área delimitada aproximadamente pelos rios modernos Guadiana e Douro. Seu território incluía grande parte da atual Portugal. Embora rica em minerais, a área era montanhosa e o solo era pobre. Estrabão é a principal fonte para a tentativa de situarmos o espaço geográfico no qual viviam os lusitanos.

> E ainda o país ao norte do Tagos, a Lusitânia, é a maior das nações Ibéricas e é a nação contra quem os Romanos moveram guerra por mais tempo. As fronteiras deste país são: no lado sul, o Tagos; ao oeste e norte, o oceano; e ao leste, os países dos Carpetanos, Vetões, Vaqueus e Galaicos, tribos bem conhecidas; não é problema quanto ao nome do resto, por causa da pequenez e fragilidade de dissociação. Contrariamente aos homens de hoje, como seja, alguns chamam também a estes povos de Lusitanos. Estes quatro povos, na parte leste de seus países, possuem fronteiras comuns, eis: os Galaicos, com as tribos dos Astúrios e com os Celtibéricos, mas os outros apenas com os Celtibéricos. Agora o comprimento do cabo Nenhum dos Lusitanos é de três

[55] Um ponto significativo no processo de anexação da Península Ibérica ao Império Romano diz respeito à resistência promovida por vários grupos nativos contrários à ofensiva romana. Neste sentido, lusitanos, celtiberos, galaicos, cântabros, entre outros grupos, sustentaram uma resistência armada contra os conquistadores durante um largo período. Estas lutas estenderam-se por quase duzentos anos, aproximadamente entre 180 a.C., quando começa a expansão romana sobre a região celtibera, até a conquista do litoral cantábrico em 24 a.C. (SILVEIRA, 2001, p. 38).

> mil *stadia*, mas sua largura, a qual é formada entre o lado leste e a costa que jaz oposta, é muito menor. O lado leste é alto e agreste, mas o país que jaz abaixo é todo plano inclusive junto ao mar, exceto umas poucas montanhas não muito altas (ESTRABÃO, Geografia, III, 3.)

Em linhas gerais, com base na maioria das investigações historiográficas, pode-se induzir que o território lusitano propriamente dito, provinha do vale do rio Douro até o Tejo, territórios que também estão nos escritos de Tito Lívio (PASTOR MUÑOZ, 2006, p. 82). O núcleo era constituído pela Serra da Estrela e pelas encostas da Serra da Gata. Ao sul, os lusitanos faziam fronteira com os célticos, a norte, com os galaicos, já a nordeste, com os vetões. Nisso, a Lusitânia ocupava os vales da Meseta Ibérica, ocupando também certa penetração na Estremadura. Definir se o território que os lusitanos viviam é correspondente ao atual Estado português ou espanhol é de extrema dificuldade, visto que a configuração dessas nações é bem recente frente à vivência dos lusitanos nas localidades.

No que diz respeito aos autores ligados à possível origem dos povos lusitanos, há uma aparente ausência nos escritos acerca das populações durante a Idade do Bronze Inicial e Médio (ALARCÃO, 2001, p. 322). No entanto, essa ausência pode derivar simplesmente de um conhecimento que virá a partir de futuros achados ou escavações. Dentro dessa premissa, Alarcão defende uma origem transpirenáica dos lusitanos e de uma ocupação ocorrida no início do Bronze Final. Entretanto, a existência consolidada de um território que possa ser atribuído exclusivamente aos lusitanos. Também há a hipótese de uma imigração e instalação dos Lusitanos no século XIII a.C.; contudo, não se exige, necessariamente, uma origem imediatamente transpirenaica, embora tenha sido essa a tese defendida. No que concerne ao nome “lusitano”, pode-se inferir que o mesmo é um etnônimo de ordem coletiva e que, necessariamente, poderia abarcar mais povos em sua concepção.

Sendo assim, o historiador português Jorge de Alarcão justifica que essa falta constitui ao mesmo tempo um apelo a outros investigadores que têm trabalhado sobre

o Bronze Final e a Idade do Ferro na Beira Interior portuguesa e na província espanhola de Cáceres, para que possam a partir da análise de novos apontes elencados pela cultura material, com o fim de proporem novas abordagens sobre o povo lusitano.

O início das hostilidades

As Guerras Lusitanas - também chamadas de "Guerra do Fogo" - foram caracterizadas pelo conflito armado entre a República Romana[56] e os lusitanos que habitavam a *Hispania Ulterior*. Essa guerra foi travada no período compreendido entre 155 a.C. e 139 a.C. e os embates tiveram início em 170 a.C.; porém, seu período mais crítico e o de maior produção de fontes primárias, foram os anos em que Viriato comandou as hostes lusitanas. De tal modo, uma característica perpassa a escrita de vários autores greco-latinos: a obstinação bélica feroz dos frente às investidas romanas.

Enquanto diversos outros povos caíam frente ao poderio militar romano, os lusitanos, sob o comando do chefe Viriato, infligiram duros combates aos romanos em diversas regiões da antiga *Hispania*. Em 147 a.C., Viriato tornou-se comandante militar dos lusitanos frente à dominação do invasor romano, implementando uma dura resistência. Ainda, Viriato ocuparia o posto de comandante lusitano até 139 a.C., quando foi traiçoeiramente assassinado.

Como as tropas lusitanas possuíam menores recursos materiais e humanos, suas táticas se reduziam a curtos combates de infantaria ligeira, com uso intenso de seus ágeis cavaleiros, evitando, assim, o enfrentamento em campo aberto e com grandes

[56] Até as reformas de Mário (111 a.C), o exército romano era formado por todos os cidadãos, sendo a participação obrigatória. O exército era composto de legiões que possuíam em média três mil infetes armados com armadura, escudo, lança, *pillum (*dardo de arremesso*)* e gládio, além de cerca de trezentos cavaleiros (formados pelos cidadãos mais ricos). Uma legião também possuía cerca de mil e duzentos homens de infantaria leve (geralmente formada por aliados dos romanos ou cidadãos pobres que não poderiam pagar pelas armas e armaduras mais bem elaboradas). Eram chamados de *velites*, e usavam basicamente armas de arremeço. As legiões eram comandadas pelos cônsules e pretores, nomeados pelo Senado romano após deliberações (FUNARI, 2001, p. 87).

restrições. Assim sendo, Viriato utilizou-se de táticas de guerrilhas[57] milimetricamente orquestradas, além de assaltos por surpresa à noite. Tais estratagemas foram onerosos em perdas materiais e humanas para Roma[58]. Em poucos anos (155-153 a.C.), Apiano narrou em seus escritos como os lusitanos dirigidos pelo chefe Púnico[59], começaram a saquear os territórios dos cónios e turdetanos, povos aliados dos romanos. Nas primeiras escaramuças, os lusitanos puseram em fuga os generais romanos Manílio e Calpunio Pisão, dando morte a uns seis mil romanos, de acordo com Apiano. E, entre os mortos, encontrava-se o questor Terencio Varón. Após este êxito, os vetões se uniram aos lusitanos, e se deu início a uma escaramuça que seguiu até o oceano Atlântico. Todavia, Púnico morreu em combate e lhe sucedeu o chefe Céasaro, que continuou com as atividades militares (RODRIGUEZ MARTÍN, 2009, p.226).

Após estes primeiros acontecimentos, Roma enviou a seu encalço o pretor Mummio, que dispunha de um novo exército. Na confrontação, as hordas lusitanas praticaram sua tática ofensiva usual: a guerra de guerrilhas e das fugas premeditadas[60]. Após ser derrotado e fugir quando o inimigo o perseguia de forma desordenada, os lusitanos deram a volta, atacaram e mataram cerca de 9.000 romanos. Essa tática consistia em confundir o inimigo, ao estabelecer uma fuga orquestrada que, de uma hora para outra, se transformava em um ataque furioso e letal. Após a vitória de

[57] A guerrilha pode ser caracterizada como o tipo de conflito em que um dos lados não se manifesta abertamente. É uma guerra de instinto. Apesar das armas do guerrilheiro serem, na maioria das vezes, de menor qualidade; ele, no entanto, possui alguns trunfos: conhece muito bem à sua região, clima, seus rios, montanhas e vales. O "ocupante", apesar de mais forte, vê seu domínio da região comprometido por ações rápidas e clandestinas, sempre que suas tropas passam por desfiladeiros ou locais de difícil evacuação. Nesse tipo de guerra, o problema para as tropas mais fortes é achar o adversário, que sempre se esconde, em busca do melhor momento de atacar e fugir novamente. É uma guerra de cansaço, que tenta minar o psicológico do inimigo ou suas provisões, baixando o moral e à sua resposta de comando (CORVISIER, 1999, p. 350).

[58] A esse tipo de guerra, os romanos as chamavam de *latrocinium*, termo com as qual indicavam que não se tratava de uma guerra organizada, mas irregular. (PASTOR MUÑEZ, 2006, p. 66)

[59] APIANO, *Iber*. 56-57.

[60] Este ardil será usado diversas vezes pelas tropas lusitanos, como podemos ver neste relato de Frontino: "Viriato enviou homens para enfrentar os segobrianos. Quando os soldados viram isso, fugiram em grande número. Os atacantes fingiram fugir e atraíram os segobrianos para uma emboscada na qual foram massacrados". (FRONTINO, Estratagemas 3.10.6).

Ceasaro, este apoderou-se das insígnias romanas e do butim, causando grande constrangimento às legiões romanas. No entanto, logo em seguida Mummio recobrou o ânimo do restante do seu exército e acabou recuperando as insígnias. Por sua vez, para uma legião republicana romana, perder os símbolos reais de Roma era a pior vergonha possível, pois além de desonrar os legionários perante sua legião, desonrava todos os romanos, do plebeu ao patrício.

Outra tática muito utilizada pelas tropas lusitanas era a emboscada. Esse ardil consistia em misturar a rapidez e o "efeito surpresa" para atacar o inimigo. Essa ação era geralmente efetuada num desfiladeiro, por uma passagem de um curso d'agua ou em alguma passagem estreita entre os rochedos, onde os soldados inimigos são obrigados a marchar vagarosamente, formado colunas longas e desprotegidas[61]. Estas estratégias requeriam, portanto, estar em movimento constante, o que impedia o estabelecimento de acampamentos militares estruturados por parte dos indígenas[62]. Esse é o motivo principal para a dificuldade de se precisar o local - com base nas evidências arqueológicas - dos postos militares lusitanos.

Os lusitanos que viviam além do Tejo, provavelmente aliados com outras etnias, se submeteram à chefia militar de Caucena. Em seguida, penetraram no Vale do Gualdaquivir, território do povo cúnio aliados dos romanos[63], promovendo pilhagens. Tal atitude, inevitavelmente, levou ao confronto com os romanos. Roma resolve agir

[61] Outra tática muito utilizada pelos exércitos de Viriato era o de despistar o inimigo. Ao selecionarem um grupo de ágeis e destros soldados, Viriato solicitava que estes fizessem um ataque inesperado. Desta forma, o grosso do exército tem tempo de fugir para outra área e de se esconder (PASTOR MUÑOZ, 2006, p. 68)

[62] Entretanto, em certos momentos das fontes, percebe-se que as tropas lusitanas se apoderaram de fortalezas, em montes (Monte de Vênus) ou, também, em algumas cidades, como no caso de Tucci. (SCHULTEN, 1920, p. 28)

[63] APIANO, *Iber*. 56-57

contra essa atividade e, em 151 a.C. lançou um ataque em grande escala sob o comando do Pretor[64] Sérvio Sulpício Galba (MATYSZAK, 2013, p.50).

Após algumas escaramuças, Galba propôs um acordo com os lusitanos. Estes, por sua vez, aceitaram os acordos de paz. Galba inferiu que a pobreza do solo nativo dos lusitanos tornava impossível que desistissem por muito tempo dos saques a outras povoações e, assim, propôs uma recolonizarão em ampla escala nas planícies férteis da Bética. Em 150 a.C., milhares de lusitanos foram organizados em três grupos separados para a reunião com Galba. O Pretor solicitou para que todos fossem desarmados, o que foi prontamente atendido. Então, com os lusitanos desarmados e divididos em três grupos, Galba ordenou que os legionários romanos cercassem um grupo por vez e massacrasse todos com às suas lanças e espadas. Milhares de homens, mulheres, idosos e crianças lusitanas foram massacrados, sem o direito de se defender. Foi uma hecatombe tão covarde que levantou indignação em Roma. Galba foi chamado para prestar explicações de ato tão vil, mas como era um orador eloquente, obteve absolvição. Um dos poucos a escapar da aniquilação e da traição de Galba foi Viriato: "Ele vingou traição com traição – um romano sem valor imitando os bárbaros"[65].

O desenrolar do conflito

Nem todos, e provavelmente nem mesmo a maioria dos lusitanos, caíram na cilada de Galba, citada anteriormente. Entre os que escaparam, estava Viriato, que logo estaria comandando diversos grupos de lusitanos que atacavam os romanos a partir de caminhos e estradas. Esses ataques tornaram-se mais ousados e frequentes, até que,

[64] Os cônsules exerciam os comandos militares das legiões e tinham grandes poderes na administração da sociedade romana e da República. No caso de guerra iminente que apresentasse grande risco à República romana ou, ainda, o impedimento de um dos cônsules, eles eram substituídos por um ditador. Já os pretores tinham a função de administrar a Justiça em Roma e em seus territórios conquistados e administrados (FUNARI, 1995, p. 84).
[65] APIANO, Iber. 10-60.

em 147 a.C., os lusitanos lançaram uma grande invasão ao território vizinho da Turdetânia.

Os lusitanos lutaram contra o exército do propretor Caio Vétilio. Por sua vez, os guerreiros lusitanos entravam em combate com armaduras leves, protegidos, principalmente, por escudos que variavam entre o celtibero, distintamente espinhoso, e outros menores e mais redondos, chamados de "targes". A principal arma ofensiva era uma lança com ponta de ferro e uma espada formidável do tipo falcata, cujo poder de corte da lâmina causava intenso temor nas legiões.

> Sobre as lanças é mais uma vez Estrabão a principal referência para esta tipologia de arma, conferindo a utilização do bronze aos lusitanos. Já Diodoro refere que utilizam lanças inteiramente feitas em ferro e que utilizam a ponta em forma de arpão, fazendo também referência ao facto de lançarem as suas armas com precisão e a grande distância. Ambas as referências têm comprovativos arqueológicos evidentes: em contexto de necrópole é a arma mais frequente, principalmente em número par, juntamente com as lanças os respectivos contos, demonstrando que muitas vezes eram utilizados materiais mais leves e perecíveis para unir o conto com a ponta de lança. A matéria-prima, bronzeou ferro, terá relacionado com os próprios recursos que cada comunidade possuía (TRISTÃO, 2013, p. 50).

Em combinação entre a destreza de uma vida alicerçada na prática de agricultura mais arcaica e o pastoreio nas montanhas, os corpos lusitanos apresentavam uma robustez grande ao meio ambiente que viviam. Boa parte das hostes ganhava a vida no pastoreio de cabras e bois nos relevos inclinados, pedregosos e montanhosos. Isso os levava os a um treinamento "natural", tornando-os extremamente preparados para a luta corpo a corpo. E o fator terreno e conhecimento geográfico seria uma das principais armas dos indígenas (TRISTÃO 2013, pp. 24-25). Assim, os lusitanos eram guerreiros formidáveis, porém, ainda não eram páreo para as disciplinadas legiões republicanas e, também, pela abissal diferença de equipamentos, logística e material humano.

Os combates se iniciaram de forma não tão propícia para os lusitanos. Os legionários rapidamente empurraram a maior parte das hordas lusitanas para uma

cidade fortificada, cercando-os ali. Desesperados diante da escassez de alimentos e água, logo, os lusitanos cogitaram os termos de rendição impostos por Vétio, embora tivessem uma similaridade suspeita com aqueles oferecidos anteriormente por Sulpício Galba. Viriato, de forma altiva, prontificou-se contra a rendição, lembrando os lusitanos o quanto os romanos não honravam seus compromissos. Quando Viriato se ofereceu para mostrar uma saída aos seus guerreiros, foi eleito como líder. Em seguida, liderou os lusitanos enquanto os romanos entravam em formação contra eles. Viriato ordenou que seus soldados se espalhassem[66], com a formação de grupos que começaram a dissipar entre a vegetação.

Apressadamente, Vétilio convocou sua cavalaria, mas os cavaleiros não puderam seguir os homens que fugiam porque Viriato havia mantido 1.000 de seus melhores cavaleiros para cobrir a fuga dos demais. A cavalaria romana teria de vencê-los primeiro, mas os lusitanos permaneceram fora de alcance e só entraram em escaramuças com os romanos quando seus soldados de infantaria chegaram em segurança. Com cavalos mais ágeis e cavaleiros mais leves, Viriato movimentou seus cavaleiros com mais rapidez do que a cavalaria romana pudera realizar, para depois se reunir ao seu exército em segurança na cidade de Tribola. Vétilio os seguiu com sua legião, mas Viriato fingiu retirar-se enquanto guiava os romanos à posição apropriada para realizar a emboscada. O ardil foi exitoso. Presos entre os lusitanos e um desfiladeiro, milhares de romanos foram massacrados. Dentre eles, o próprio Vétilio.

[66] As fugas simuladas, estratégia amplamente utilizada por Viriato, transformara-se em um verdadeiro *modus operandi* de suas ações bélicas. O historiador Apiano deixou documento importante: " Alinhou os todos em formação de combate, e ordenou que, quando ele montasse acavalo, dispersassem em todas as direções e fugissem, o melhor que pudessem, por caminhos diversos, para a cidade de Tríbola esperando ali por ele Escolhendo apenas mil homens, ordenou lhe que ficassem junto de si. Este estratagema, ao ser conhecido por todas as populações bárbaras em seu redor, elevou a suar reputação, e muitos foram os que vindos de toda a parte, se juntaram a ele" (APIANO, *Iber*. 62)

Um oficial romano inferior assumiu o comando dos sobreviventes. Com os homens desmoralizados para a luta, o oficial recorreu ao suborno dos celtiberos e, assim, conseguiu enviar 5.000 homens em batalha contra Viriato. Animados com o sucesso anterior, os lusitanos tiveram pouco trabalho com os celtiberos, pois depois de uma breve escaramuça, quase todos foram mortos. Viriato passou então a estocar os víveres da região, saqueando amplamente a Carpetânia (na região da moderna Toledo).

A aparição de Viriato e de suas tropas nas terras carpetanas se encontra referenciada no discurso oferecido por Apiano, que foi um autor clássico que escrevera bastante sobre os conflitos dirigidos pelas forças romanos contra os lusitanos. Apiano relatou que Viriato, após conseguir o posto de chefe máximo dos lusitanos, promoveu uma série de saques na fértil região da Carpetânia, no rio Tejo. Esses saques, como dito anteriormente, tinham o objetivo de conseguir víveres para o seu exército. O acantonamento do exército lusitano em um monte chamado Afrodite é apresentado no texto de Apiano, voltando a ser repetido em 142 a.C., No entanto, Gomez-Fraile apresenta indícios de que a toponímia apresentada na literatura contém sérios equívocos, pois afirma que outros escritos presentes em outros autores da Antiguidade, essa geografia e toponímia sofre diversas alterações.[67]

Existe uma certa imprecisão que existe acerca das andanças de Viriato na Península Ibérica. Nesse contexto, um consenso historiográfico que se apresenta sob

[67] Gomez-Fraile chegou à conclusão de que o entorno geográfico em que Viriato atuou em suas lutas contra os romanos localiza-se nas áreas da atual Andaluzia e Extremadura, na Espanha, além da porção sul do atual território de Portugal. Em relação à movimentação de Viriato e suas hostes na Carpetânia, somente em um certo intervalo temporal muito próximo ao final dos dias de vida de Viriato, cabe a possiblidade de que o mesmo não estivesse longe do entorno da região supracitada. Dessa forma, a toponímia nos textos clássicos e a sua verificação nos estudos pioneiros de Adolf Schulten, são argumentos insuficientes para a generalização das ações do chefe lusitano na região carpetana, pois ao analisar os escritos de outros autores clássicos greco-latinos, tais como Estrabão, Estevão de Bizâncio e Plínio, e confrontá-los com os achados arqueológicos recentes, o articulista discorre de que a geografia apresentada e a toponímia só podem ser de outra região, denominada *Chora de Carteia* (GOMEZ-FRAILE, 2005, p. 135)

um ponto de vista geográfico, é de que as Guerras Lusitanas se centraram nas áreas da Bética e da Lusitânia Meridional. Já em relação a presença deste caudilho na Carpetânia, os indícios arqueológicos ainda carecem de maiores investigações, pois todos os topônimos localizados durante o desenvolvimento das Guerras Lusitanas ou, ainda, o contexto geográfico em que estes aparecem enquadrados, nos levam para âmbitos meridionais da Península Ibérica, o que, evidentemente, afasta geograficamente a região da Carpetânia, ao norte do Tejo *(*GOMEZ-FRAILE, 2005, p. 133-134).

Desta forma, apesar dos avanços nos estudos arqueológicos, ainda torna-se difícil obter uma precisão acerca dos lugares em que Viriato marchou com suas hostes, pois não existem provas materiais de estabelecimento de postos de comando ou acampamentos militares. Como a principal tática lusitana era a da guerra rápida, a mobilidade das tropas era fator de grande importância para o êxito militar. Nisso, a região da Carpetânia[68], na antiga *Hispania*, segundo os relatos de Apiano, tinha como principal objetivo proporcionar o saque para o sustento de víveres para o exército lusitano (GOMEZ-FRAILE, 2005, p. 133-134).

O ano 146 a.C. viu outro exército romano entrar na luta, desta vez comandado por C. Pláucio. E, mais uma vez, Viriato retirou-se para seu território natal. Ali, em colina chamada de Monte de Vênus, os romanos montavam acampamento entre as oliveiras quando Viriato atacou e os venceu. Pláucio ficou tão chocado que levou seu exército para a segurança do acampamento de inverno e recusou-se a se mover, mesmo quando

[68] Viriato infestou o país frutífero da Carpetânia sem oposição, e saqueou-o até que Caio Pláucio veio de Roma trazendo 10.000 soldados a pé e 1.300 cavaleiros. Então Viriato de novo fingiu retirada e Gláucio enviou 4.000 homens para persegui-lo, mas ele retornou e matou todos exceto uns. Então, cruzou o Targus e acampou em uma montanha coberta de oliveiras, chamada de Montanha de Vênus. Lá Gláucio o encontrou, e ansioso para recobrar seu infortúnio, uniu-se em batalha com ele, sendo derrotado com uma grande matança e retirando-se em desordem para as cidades, e foi "invernar" na caserna no meio do verão sem ousar mostrar-se em qualquer lugar. Adequadamente Viriato varreu o país inteiro sem aviso e requereu aos proprietários das colheitas crescentes que o pagassem o valor requerido, ao contrário, os destruiriam (APIANO*, Iber.* 64)

Viriato passou a atacar as terras dos aliados de Roma, confiscando e destruindo colheitas, além de pilhar o importante centro celtibero de Segóbriga[69].

Na sequência de comandantes que testaram suas forças contra Viriato foi Q. Pompeu. Viriato seguiu seu padrão usual de ataque e se retirou para as montanhas. No mesmo Monte de Vênus que trouxera a derrota a Pláucio, Viriato decidiu cair sobre os romanos. Pompeu perdeu cerca de 1.000 homens e levou os sobreviventes de volta ao acampamento, enquanto Viriato decidia que a excursão de verão de seu exército seria arrasar a área próxima ao rio Guadalquivir (MATYSZAK, 2013, p. 52)

A República romana havia acabado à sua guerra com Cartago. Assim, dispunha de melhores meios para solucionar os problemas da Península Ibérica. No ano seguinte, em 145 a.C., chegava à *Hispania,* Quinto Fábio Emiliano, o filho do conquistador de Perseu da Macedônia, com um exército de cerca de 15.000 soldados de infantaria e 2.000 de cavalaria. Enquanto essas tropas estavam dominando Urso (moderna Osuna), ficaram sabendo que Viriato atacara o sucessor de Pláucio, Cláudio Unimano, e quase exterminara seu exército. Os símbolos da posição de Cláudio foram levados como troféus para o forte lusitano. Depois de encontrar e derrotar outros subordinados de Fábio, Viriato estava preparado para enfrentar o próprio general. Fábio, porém, sabendo que suas tropas eram inexperientes e pouco treinadas, recusou-se a uma batalha decisiva.

Os soldados ibéricos repetidamente ofereciam a mesma medida, duros combates a um exército consular que se recusava a enfrentá-los frente a frente. Em 144

[69] Sem embargo, as batalhas das Guerras Lusitanas também foram travadas com massacres e violências de todo tipo, como qualquer guerra, em que a destruição alcança os maiores níveis. Quando Serviliano capturou alguns homens das tribos, certificou-se de que eles nunca mais pegariam em armas contra Roma, fazendo o gesto de cortar as mãos de centenas de prisioneiros. Para os lusitanos e celtiberos, não poder pegar em armas era uma desonra tão grande, que a morte era melhor destino. Frontino também menciona um massacre de inocentes realizado pelos lusitanos: "Quando Viriato propôs devolver suas esposas e filhos, os habitantes da Segovia preferiram testemunhar a execução dos entes amados em vez de trair os romanos" (FRONTINO, Estratagemas 4.5.22)

a.C., Fábio finalmente arriscou-se a um enfrentamento e obrigou os lusitanos a retroceder, mas o dano ao prestígio à imagem das legiões já era fato consumado. Nesse ínterim, os celtiberos levantaram-se em revolta contra Roma, começando assim começou a longa e sangrenta "Guerra Numantina".

O fim dos combates: a morte de Viriato

Em 142 a.C., outro grande exército romano entrou na peleja, desta vez sob o comando de um meio-irmão de Fábio Emiliano – um homem chamado Fábio Serviliano. Como reflexo da gravidade com que Roma começaria a considerar as atividades de Viriato, Serviliano estava acompanhado por duas legiões inteiras: 1.600 soldados de cavalaria e um elefante doado pelo rei Micipsa, aliado da Numídia. Os romanos tiveram alguns sucessos iniciais nos combates, obrigando Viriato e suas tropas a regressar à Lusitânia. Serviliano também isolou e liquidou alguns grupos de bandoleiros lusitanos que estavam operando afastados das forças principais indígenas. Com Viriato em retirada completa, Serviliano retomou diversas cidades que haviam estado sob controle lusitano e, em 141 a.C., tomou a malfadada decisão de sitiar uma cidade chamada Erisone (cuja localização atual é desconhecida).

O cerco não foi mantido com firmeza e, à noite, Viriato esgueirou-se para dentro das muralhas, acompanhado por um grande contingente de guerreiros. De manhã, outros reforços e a guarnição da cidade investiram contra os romanos, pegarando-os de surpresa. Os romanos retrocederam em completa desordem, perseguidos pela cavalaria de Viriato e com a infantaria em seus calcanhares. A batalha de retirada terminou em um vale. Viriato havia tomado a precaução de fechar a passagem de saída do vale com uma fortificação resistente. Os romanos foram emboscados. Fábio estava completamente indefeso na armadilha que os ibéricos montaram e, então, ele e seu exército encararam a extinção.

Para sua surpresa, Viriato impôs apenas condições brandas ao inimigo derrotado (MATYSZAK, 2013, p. 55). Como principais premissas do acordo imposto por Viriato, os romanos deveriam se retirar da Lusitânia e reconhecer a independência do território militarmente ocupado pelas tropas lusitanas. O próprio Viriato passou a ser considerado como amigo e aliado do povo de Roma, recebendo o título de *Amicus Populi Romani*e. Essa declaração conferia e garantiria o reconhecimento e a autonomia dos lusitanos, não obstante, também estabeleceria a cláusula de reconhecimento por parte dos romanos da soberania de Viriato sobre os territórios que ocupava no momento da negociação.

Muitos pesquisadores têm questionado a razão pela qual Viriato permitiu que o inimigo se safasse com tamanha facilidade, já que estava à sua mercê. Existem duas possibilidades: a primeira, é que simplesmente Viriato considerava ser esse o fim da guerra. Ele havia derrotado todos que Roma enviara contra ele. Colocara de joelhos um exército consular formado por duas legiões, fazendo Roma pediu trégua. A guerra acabara e ele havia vencido. Já a segunda hipótese, pressupõe que Viriato e seus homens podiam estar cansados dos anos de batalha ininterruptos. Se tivessem atacado o exército romano com suas espadas e lanças, Roma nunca esqueceria nem perdoaria tamanha derrota. Por mais que demorasse, seria uma guerra de aniquilação de todos os homens, mulheres e crianças lusitanas. Assim, Viriato acreditava que apenas impondo termos brandos poderia celebrar um tratado de paz com o arrogante senado de Roma, e foi o que ocorreu. Seu acordo foi ratificado, embora a contragosto de muitos senadores e comandantes militares romanos.

A extensão do não desejo em cumprir tal acordo tornou-se aparente quando o procônsul seguinte chegou à região: Servílio Cépio, que era irmão de Q. Fábio Maximo Seviliano. Cépio desejava a luta por glória e pilhagens, além de propósito de busca da vingança da honra familiar abalada. Porém, Servílio parece ter também percebido que a causa primeira da guerra ainda não havia sido resolvida. Havia mais lusitanos do que

suas terras poderiam sustentar e, para que eles e suas famílias sobrevivessem, eles eram compelidos a saquear as províncias vizinhas. Apesar da amizade de paz recente, esse fato inconveniente não havia deixado de existir e, em algum ponto, os lusitanos teriam de retornar aos seus costumes, especialmente porque agora eles sentiam que tinham força militar suficiente para poder fazer frente aos mais destemidos exércitos (MATYSZAK, 2013, p. 55).

Sem embargo, Cépio começou uma série de provocações calculadas, testando a tolerância do Senado, de um lado; e a paciência de Viriato e de seus comandados, de outro. Embora incentivasse Cépio em segredo, o Senado não permitiria os rompimentos dos tratados de paz com Viriato, pois esse gesto seria desonroso para Roma[70]. Sabendo disso, Viriato recusava ao máximo as táticas de provocação. Mas parece que em algum momento, alguns guerreiros lusitanos mais imprudentes sucumbiram e, finalmente, deram aos romanos o pretexto de que precisavam para romper a paz. A guerra recomeçaria em 140 a.C. (RODRIGUEZ MARTÍN, 2009, p.229).

Mesmo com o moral baixo, o exército romano era numeroso, organizado e mais bem equipado no que concerne ao armamento e víveres. Viriato percebeu que suas tropas minguavam dia após dia, e recorreu mais uma vez à sua tática usual de retroceder diante do inimigo. O chefe lusitano ainda acreditava que um acordo de paz equilibrado com os romanos era o melhor caminho. Desse modo, enviou seus conselheiros de maior confiança – Audax, Ditalco e Minurus –, com o objetivo de negociar os termos de guerra aceitáveis entre Roma e os Lusitanos.

Devido ao temperamento de seus homens, Q. Servílio Cépio sabia dos riscos de contrair batalha com Viriato, tanto para a causa romana quanto para si mesmo. Deste modo, ele experimentou outros estratagemas. Os enviados de Viriato foram tratados com muito esmero e luxo, e sentiram-se dominados pela suntuosidade do acampamento romano. Cépio garantiu-lhes que poderiam ter esse padrão de vida e

[70]APIANO, *Iber*. 70

muito mais. Tudo o que precisavam fazer era matar Viriato. Feito isso, receberiam grandes recompensas. Devido aos frequentes alarmes noturnos, Viriato havia posto em voga o costume de dormir com sua armadura, pois no caso de uma urgência, já estaria pronto para o combate (RODRIGUEZ MARTÍN, 2009, p. 230). Ele também recebia mensageiros e seus homens de confiança a qualquer hora do dia e da noite. Assim, os delegados que retornavam da reunião com Servílio Cepião entraram sem dificuldades na tenda em que Viriato repousava. Uma vez lá, esfaquearam seu comandante no pescoço – o único ponto em que a armadura não o protegia –, fugindo posteriormente para o acampamento romano antes que a traição fosse descoberta.

> Viriato enviou seus amigos de maior confiança, Audax, Ditalco e Minuro a Cépio para negociarem os termos de paz. O último os subornou com grandes presentes caso prometessem assassinar Viriato. Viriato, em conta dos cuidados excessivos e labores, dormiu um pouco, e pela maior parte descansou de armadura, pois, quando acordasse estaria preparado para qualquer emergência. Por este motivo, foi permitido a seus amigos visitá-lo à noite. Tirando vantagem deste hábito, aqueles que estavam associados com Audax a guardá-lo, entram em sua tenda como que em negócios, assim que ele acabara de dormir, e o mataram através de uma punhalada na garganta, que era o único local de seu corpo não protegido por armadura. A natureza da ferida foi tal que ninguém suspeitou do que tinha acontecido. Os assassinos fugiram para Cépio e o perguntaram pelo resto do pagamento. Pelo presente ele deu-lhes a permissão de desfrutarem a salvo do que eles já haviam recebido; assim como o restante de suas demandas ele referiu-as à Roma. Quando à Aurora vieram os criados de Viriato e o restante do exército pensou que ele ainda descansava e imaginava o porquê de seu longo repouso, até que alguns deles descobriram que ele jazia morto em sua armadura. Imediatamente houve luto e lamentação por todo o acampamento, todos eles pranteando por ele, temendo por sua própria segurança, pensando que perigos haviam lá dentro [da tenda], e considerando a envergadura do general que ele havia sido tomado. A maioria estava entristecida por não haver achado os perpetradores do crime (APIANO, *Iber*. 74).

Um ato tão infame e vil também foi pago com traição. Cépio, usando de um ardil, alegou que os assassinos haviam entendido mal o que havia sido dito, pois ele nunca os teria incentivado a matar seu próprio comandante. Os assassinos foram expulsos do

acampamento romano sem receber nenhum ouro ou prata de recompensa. “Os romanos não pagam traidores”, teria dito[71] (MATYSZAK, 2013, p. 56).

Os lusitanos ficaram desesperados e desmoralizados com o trágico assassinato de seu comandante militar máximo. Em seu funeral, ofereceram uma magnífica homenagem, com simulacros de combate e diversas honrarias. Posteriormente, as chefias guerreiras elegeram um homem chamado Tântalo como seu sucessor. No entanto, a causa lusitana de continuar tão dura guerra perdeu o ímpeto, e a moral dos romanos estava mais alta. Cépio obteve facilmente a vitória que havia escapado a seus predecessores e os lusitanos foram obrigados a pedir a paz. “Com sabedoria, Cépio fez exatamente o que Galba havia prometido em 150 a.C.” (MATYSZAK, 2013, p. 57). Uma década de guerra havia diminuído em muito a população dos lusitanos e seus aliados, então, usando de estratégia, os romanos trataram de instalar os lusitanos em terras férteis o bastante para sustentá-los sem que tivessem de recorrer às pilhagens para sobreviver. A *Hispania Ulterior* estava em paz, após anos de guerra contínua.

A figura de Viriato: entre o real e o mítico

Pouco se sabe sobre a origem de Viriato, o homem. Em contrapartida, as fontes deixaram muitos escritos sobre ele, chefe guerreiro lusitano e comandante dos lusitanos nas Guerras Lusitanas. Contudo, nas fontes antigas não são descritas as características físicas do guerreiro, como estatura, altura, formato do rosto entre outras atribuições. Somente são citados os adjetivos físicos ligados à agilidade, destreza com as armas, resistência física e militar. Sua fisionomia em inúmeras obras e estátuas, portanto, são meramente subjetivas. Acerca de Viriato, Lupi disserta:

[71] Esta célebre frase, segundo Maurício Pastor Muñoz, não é mais do que uma invenção posterior. O autor retrata o sentimento da visão tradicional, que conhecemos por Apiano, Eutrópio e Orósio: a resposta romana foi que nunca tinham aprovado que um chefe morresse de traição, nas mãos dos próprios soldados. Contudo, é possível que esta versão dos fatos tivesse sido posta para circular muito depois dos fatos ocorridos, numa tentativa de esconder a vergonha que lhes causava a responsabilidades por atos tão vis e covardes (PASTOR MUÑOZ, 2006, p. 188).

> É verdade, porém, que como personagem histórico ele merece essas honras. Quando os romanos, após dominarem os cartagineses, e depois os celtiberos na primeira revolta, imaginaram que a península seria deles, com tranquilidade, Viriato congrega todas as forças rebeldes do centro e do ocidente peninsulares e inflige às legiões derrotas humilhantes. Viriato foi, segundo todos os testemunhos, um grande líder de povos, e um hábil estrategista, reconhecido como tal pelos generais romanos (LUPI, 2012, p. 26).

De acordo com Diodoro, Viriato tinha um sogro, de nome Astolpas (a quem ele supostamente matou para que não se rendesse aos romanos) e, portanto, por dedução, uma esposa[72]. Antes de se tornar guerreiro e chefe das hostes lusitanas, Viriato, como atestam a maioria das fontes, era pastor e, ocasionalmente, também praticava *razzias* pela Península Ibérica. Quanto à sua personalidade, temos de nos basear nos relatos dos romanos que pareciam admirar bastante seu adversário (SCHULTEN, 1920, p. 27).

> Viriato era de origem muito obscura, mas obteve grande fama por suas ações. Ele passou de pastor a ladrão e daí a general. Começando com uma aptidão natural e desenvolvendo-a pelo treinamento, ele era rápido na perseguição e na fuga, e tinha muita energia em combates corpo a corpo. Ele ficava feliz com qualquer alimento em que pudesse pôr as mãos e se satisfazia em dormir ao relento. Consequentemente, estava acima do sofrimento com frio ou calor e não se perturbava com a fome nem com qualquer outra dificuldade; contentava-se da mesma maneira com o que estivesse à mão e com o de melhor qualidade. Por meio natural e de treinamento, ele tinha uma forma física magnífica, mas sua inteligência e sua astúcia eram ainda melhores. Ele podia planejar e executar rapidamente o que fosse preciso fazer e sempre tinha uma ideia clara a esse respeito. Além disso, sabia exatamente quando agir. Podia fingir e ignorar os fatos mais óbvios e, com igual esperteza, esconder seu conhecimento dos segredos mais ocultos. Em tudo o que fazia, era não só o general, mas também seu próprio braço direito. Suas origens obscuras e sua reputação de força eram tão equilibradas que ele não parecia nem inferior nem superior aos demais, e não era nem humilde nem arrogante. Resumindo, ele travava guerra não por ganho, poder ou vingança pessoal, mas pela própria ação de lutar; considerava-se que ele gostava muito de lutar e que eram mestre nessa arte (CÁSSIO DIO, fragmento 78).

[72] DIODORO, (XXXIII 7, 1-3)

Quanto à origem de Viriato, ainda não existe um consenso no sentido de fazê-lo um natural da Betúria ou Céltica. No entanto, Adolf Schulten coloca como local de nascimento do chefe a região da Extremadura; considerando válida a identificação da Sierra de San Pedro com o monte de Vénus ou de Afrodite, da qual, segundo Apiano, Viriato lançou a sua campanha (SCHULTEN, 1920, p. 27).

Em muitos trechos das fontes greco-romanas, os povos da Península Ibérica pré-romana eram descritos como selvagens, bárbaros e incapazes de viver em paz e somente com a "gerência" dos romanos, tais povos seriam mais civilizados. Com efeito, a visão cristalizada de um Viriato com características heroicas também foi construída, e que, com às suas características humildes, havia resistido heroicamente frente a um processo de conquista de um exército muito mais poderoso. Nesse último caso, temos Viriato e os lusitanos como exemplos latentes de como as fontes greco-latinas ajudaram a criar a visão de uma heroicidade em alguns personagens e momentos históricas pertencentes à conquista romana da Península Ibérica.

O historiador espanhol Gomez-Fraire descreve Viriato como um dos personagens com o maior número de páginas escritas na historiografia da *Hispania* Antiga. Todavia, este personagem tem tido sua imagem construída ao longo dos tempos à sombra de projeções ideológicas e filosóficas. Já o historiador Eduardo Sánchez Moreno apresenta que o processo de construção narrativa de Viriato tem sido variado com o tempo, em função do desenvolvimento de pesquisas que, segundo circunstâncias e em algumas épocas mais do que em outras, moveu-se ao ritmo de interesses doutrinários e de políticas dominantes. Assim, verifica-se que o perfil de Viriato é extremamente estereotipado e impregnado de arquétipos ideológicos nas fontes greco-latinas. Muitas dessas visões abordam Viriato como o "bom selvagem" (SÁNCHEZ MORENO, 2002, p. 25), cristalizando no caudilho um viés heroico, de um chefe guerreiro que resistiu frente aos invasores romanos.

> Viriato, junto con Arminio y Vercingétorix, con Tacfarinas y Decébalo, pertenece a la serie de los grandes héroes populares bárbaros que unieron las fuerzas dispersas de su nación para la lucha por la libertad, sosteniendo contra la hegemonía romana, una lucha glo- riosa a la vez en la victoria y en la derrota. Tomamos un interés especial y personal por estos hombres y sus respectivos pueblos, pues peleaban por la lucha más hermosa, la lucha por la patria amenazada por el opresor extraño. Las guerras populares, por lo común, son las más imperfectas militar y politicamente, ya que las dirigen los impulsos más que las reglas del arte. Pero moralmente estas imperfectas luchas, en su mayoría inútiles, de pobres pastores y campesinos, cautivan más que la campaña más brillante de un general famoso (SCHULTEN, 1920, p. 127).[73]

Todavia, pode-se dizer que os estudos empreendidos a partir de então se circunscrevem dentro de duas tendências bem determinadas, e que ainda se mantém: de um lado, as análises históricas de corte mais ou menos descritivas inseridas no processo global da conquista romana da *Hispania;* de outro, a autópsia feita sobre Viriato, transferida pelos autores clássicos, que é construída à sombra de projeções ideológicas e filosóficas. Desta maneira, dentro dessa perspectiva, verifica-se que muitos pesquisadores estão preocupados em dar uma origem geográfica a Viriato, com o objetivo de o colocar dentro dos limites territoriais das atuais nações de Portugal ou Espanha[74].

[73] Viriato, junto com Arminio e Vencingétolix, com Tacfarinas e Decébalo, pertence a série dos grandes heróis populares bárbaros que uniram as forças dispersas de suas nações para a luta pela liberdade, sustentando contra a hegemonia romana, uma luta gloriosa na vitória e na derrota. Tomamos um interesse especial e pessoal por estes homens e seus respectivos povos, pois lutavam uma luta mais bela, a luta pela pátria ameaçada pelo opressor estrangeiro. As guerras populares, em comum, são mais imperfeitas militar e politicamente, já que os impulsos as dirigem mais que as regras da arte. Mas moralmente estas imperfeitas lutas, em sua maioria inúteis, de pobres pastores e camponeses, cativam mais que a campanha mais brilhante de um general famoso. Tradução nossa.

[74] Por outro lado, é necessário inferir a imagem de Viriato como um mero aponte anedótico, na qual é a dimensão emocional das imagens recorrentes acerca dos ibéricos. Em grande medida, o porquê do uso das imagens estereotipadas do passado hispano está altamente imbricado de construções indentitárias profundas. Entre os séculos XVI e XVIII, o tema da conquista romana foi lido como uma espécie de exaltação de cunho bélico sobre a resistência hispana frente à invasão estrangeira, convertendo-se na gênese da essência espanhola. Essa tônica existencialista foi cunhada em meados do XVIII, culminando na segunda metade do XIX, quando adquiriu os definitivos moldes nacionalistas, que se encontram na resistência coletiva de pastores e bandidos transmutados para a simbologia da Guerra da Independência. Esta exaltação do passado adquirirá uma grande envergadura de mito nacional na Espanha, com

É necessário salientar que a figura mítica de Viriato foi usada ideologicamente como um mito fundador e herói nacional, sendo sistematicamente usada por ambos os países ibéricos ao longo da trajetória política e social destes. É interessante perceber que, em certos momentos da História da Península Ibérica, a figura de Viriato foi invocada como uma aglutinadora de moral dos espanhóis frente às invasões napoleônicas do começo do século XIX. Da mesma forma, Viriato também foi usado como um personagem formador da nação portuguesa e que, usando de sua garra, astúcia e sagacidade, entraria no panteão dos heróis formadores da Nação portuguesa. Durante o século XX, a figura de Viriato fora também muito utilizada pelos ditadores António Salazar e Francisco Franco, de Portugal e Espanha, respectivamente[75], com o objeto didático de incutir nos cidadãos dos referidos países os sentimentos de pertencimento e identidade.

O mito acerca da imagem, índole e combatividade de Viriato, cujos primeiros criadores foram os próprios autores clássicos, "pode continuar a considerar-se como a representação de uma sociedade cujos principais valores se diferenciam dos romanos; de uma figura que lutou até o fim contra a inevitável submissão ao poder de um inimigo muito mais poderosos" (PASTOR MUÑOZ, 2006, p. 225).

Considerações finais

A conquista da Península Ibérica foi um processo extremamente complexo e custoso para Roma. Rica em solos cultiváveis, recursos hídricos, humanos e naturais, o seu controle pela República romana após a derrota de Cartago passou longe de ser uma conquista militar e política rápida, pois alguns povos peninsulares – tal como os lusitanos

expressões trabalhadas na literatura, escultura, arquitetura e na pintura histórica (SÁNCHEZ MORENO; AGUILERA DÚRAN, 2013, p. 232)

[75] Viriato e a visão "guerrilheira" sobre ele foi construída a partir de uma carreira como comandante exitoso e líder que lutou pela liberdade de seu povo. Tal visão foi sumariamente abandonada por Portugal nos manuais escolares, no período que concerne às lutas de independência em Angola e Moçambique, na década de 1970 (PASTOR MUÑOZ, 2006, p. 221).

e celtiberos– ofereceram duros combates às legiões romanas. Durante as Guerras Lusitanas (155-139 a.C.), liderados em boa parte do conflito pelo chefe Viriato, as hostes lusitanas infligiram pesadas derrotas nos exércitos republicanos. Neste artigo, percebe-se que os lusitanos utilizaram de métodos de praticar a guerra nos quais já eram acostumados. As táticas de uso de ataque em guerrilhas, de assaltos rápidos e fugas premeditadas contribuíram para uma tenaz resistência militar frente ao invasor.

Nisso, é importante destacar a atuação de Viriato. Esse, por sua vez, foi o personagem mais descrito nas fontes greco-latinas sobre a Antiga Península Ibérica. Estudá-lo é, acima de tudo, investigar como esses conflitos se deram. Tarefa difícil é separar o Viriato homem do Viriato mítico, já que essas duas esferas se interseccionam. Pouco se sabe acerca da história desse guerreiro até os seus embates com Roma. E é a partir disso que as suposições acerca de sua heroicidade ganharam força, pois as interpretações sobre à sua personalidade tiveram (e ainda têm) espaço para suposições. A vida de Viriato teve todos os ingredientes de um herói: luta contra uma força superior, coragem, destreza, força e uma morte traiçoeira, por assassinato, já que no campo de batalha ele se tornara imbatível, e só um ato pérfido poderia liquidá-lo. Conforme mencionado ao longo deste artigo, a construção histórica de Viriato perpassou por vários liames e contextos dentro do imaginário dos países ibéricos.

Referências

Fontes primárias

APIANO. *Bellum Ibericum*. Tradução: Adolf Schulten, Barcelona: Fontes Hispaniae Antiquae, 1937.

CASSIO DION. *Historiae*. Tradução: E. Sánchez Moreno. Madrid: Romanas, 1989.

DIODORO SÍCULO. *Bibliotheca Histórica*. Tradução: J. Lens; J. García González. Madrid: Editorial Clásica, 1995.

ESTRABÃO. *Geografia - Livro III*. Tradução: Jorge Deserto; Susana da Hora Marques Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de. *Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2001.

BLÁZQUEZ MARTINEZ, José Maria. *Historia económica de España em la antigüedad.* Madrid: Real Academia de la História, 2011.

_____. *Historia de España*. Madrid: Real Academia de la História, 1975.

COUVISIER, André. *A Guerra: ensaios históricos***.** Trad. José Lívio Dantas**.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Antiguidade Clássica:* A História e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora Unicamp, 1995.

_____. *Grécia e Roma.* São Paulo: Contexto, 2001.

GÓMEZ FRAILE, José María. Precisiones sobre el escenario geográfico de las guerras lusitanas (155-136 ac). A propósito de la presencia de Viriato em Carpetania. Habis, Sevilla, nº 36*,* 2005, p. 125-144.

GONZÁLEZ GARCÍA, Francisco Javier. La guerra em la Gallaecia antigua: del guerrero tribal al soldado imperial**.** SEMATA, Ciencias Sociais e Humanidades, ISSN 1137-9669, vol. 19, 2007, p. 21-64.

LUPI, João. Os lusitanos e a construção do ideal nacionalista português. Brathair-Revista de Estudos Celtas e Germânicos, v. 1, n. 1, 2001, p. 13-29.

MATYSZAK, Philip. *Os inimigos de Roma:* de Aníbal a Átila, o Huno**;** tradução de Sônia Augusto**.** Barueri: Editora Manole, 2013.

PASTOR MUÑOZ, Maurício. *Viriato:* o herói lusitano que lutou pela liberdade do seu povo. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

RODRIGUEZ MARTÍN, Francisco Germán Rodríguez. Las guerras lusitanas**.** In: Historia militar de España. Madrid: Laberinto, 2009, p. 224-234.

SÁNCHEZ MORENO, Eduardo. Algunas notas sobre la guerra como estrategia de interacción social em la Hispania prerromana: Viriato, jefe redistributivo (II). Habis, Sevilla, n. 33, 2002, p. 141-174.

_____& AGUILERA DURÁN, Tomás Aguilera. Bárbaros y vencidos, los otros en la conquista romana de Hispania: notas para una deconstrucción historiográfica. In: Debita verba: estúdios em homenaje al professor Julio Mangas Manjarrés. Oviedo: Ediciones de la Universidad de Oviedo, 2013, p. 225-244.

SCHULTEN, Adolf. Viriato. Madrid: Real Academia de Historia, 1920.

SILVEIRA, Marcos Borges da. A Espanha romana: conquista, colonização e desagregação**.** BIBLOS, n. 13, 2007, p. 19-31.

TRISTÃO, Leandro Saudan. As guerras Lusitanas, estratégias e armamento segundo as fontes clássicas. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa: Lisboa, 2013.